

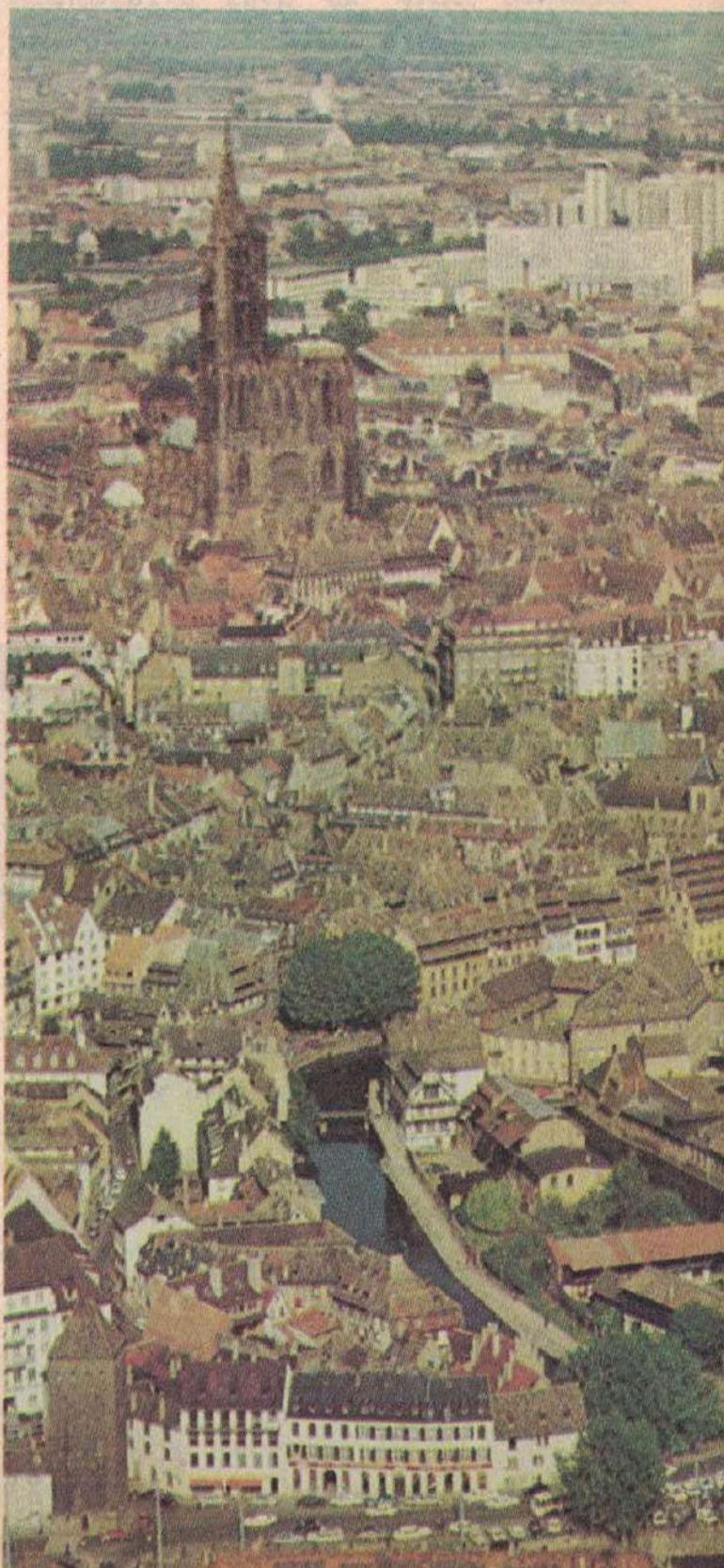


# Maravilhosa ESTRASBURGO

JEAN EGEN

28 de junho de 1940. A França caiu, e Adolf Hitler, em visita triunfante a Estrasburgo, dirige-se às tropas alemãs concentradas na praça da catedral. «Que me dizeis?», grita, apontando para a igreja. «Devemos devolver esta maravilha aos franceses?» «Jamais!», foi a resposta que ressoou alto e claro de milhares de gargantas. Para os alemães, a catedral de Estrasburgo é o maior símbolo de sua vitória.

23 de novembro de 1944. A Segunda Divisão Blindada francesa entra na capital alsaciana sob uma acolhida delirante. «Ao longo desta luta gigantesca», diz o General Leclerc à multidão eufórica, «a agulha da sua catedral foi nossa obsessão. Tínhamos jurado fazer tremular novamente nela a nossa bandeira, e cumprimos nossa palavra.» Para os franceses, a catedral de Estrasburgo é o maior símbolo da liberação de sua pátria.



Durante séculos, franceses e alemães, alternadamente, não apenas fizeram da grande cidade do Reno um símbolo, mas a consideraram sua. Durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães marcharam para o *front* cantando «O *Strassburg*, O *Strassburg*, du *Wun-*

*derschöne Stadt*» (Ó Estrasburgo, ó Estrasburgo, cidade maravilhosa), enquanto os franceses lutavam nas trincheiras para reconquistá-la. Uma vez silenciados os canhões, o povo de Estrasburgo erigiu um monumento a seus mortos – mas, em vez da convencional escultura



PHOTO NORESTAIR, MAIRIE DE STRASBOURG

da Mãe-Pátria francesa a embalar um soldado em uniforme, ali a Mãe-Pátria sustenta duas figuras nuas. Diz-se que, se estivessem vestidas, uma usaria o uniforme francês e a outra o alemão. Por uma das ironias da história, o sangue de Estrasburgo foi derramado por ambos os exércitos.

Hoje, Estrasburgo, com seus 257 mil habitantes, é o lugar onde a Alemanha e a França deixam de se opor. Para um alemão, é a ponte para o Ocidente, o Sul e o Sol; para o francês, é o umbral para a neblina teutônica do Oriente. Que outra cidade renderia as mesmas honras a Goethe e Napoleão? Presentemente, enquanto a bandeira tricolor francesa flutua serenamente sobre a cidade, a seu lado tremula uma outra, com 12 estrelas douradas num campo azul-escuro – a bandeira do Conselho da Europa. Com razão, o Conselho se estabeleceu em Estrasburgo, pois em nenhuma outra cidade as raízes históricas da Europa são tão profundas.

Sempre que visito Estrasburgo, gosto de começar pela minha velha amiga catedral, cuja construção se iniciou em 1015. Não me canso de admirar a obra daqueles trabalhadores medievais que erigiram (com pura força muscular) um monumento que deve pesar tanto quanto uma montanha, embora possua a graça etérea de um castelo nas nuvens. Os arcobotantes fazem-me lembrar pedras catapultadas em direção ao céu, que

tivessem milagrosamente ficado suspensas em pleno ar. A torre, completada em 1439, ergue-se a 142 metros céu adentro como uma delgada flecha paralisada no espaço. Em meados da década de 1950 descobriu-se que esta incomparável construção estava sendo rapidamente corroída pela poluição industrial e automobilística. Durante cerca de 20 anos, andaimes a encobriram, enquanto suas pedras foram recolocadas uma por uma. Hoje, com sua elegância original, a agulha é novamente o coração de Estrasburgo.

Se o exterior da catedral provoca perplexidade, o interior atrai como um ímã. O visitante sente-se praticamente convidado a entrar não apenas em virtude da imponência das arcadas da porta principal, mas por causa de sua janela rósea resplandecente. Dentro, o brilho exuberante da fachada é substituído pela penumbra fria da nave, e um poder extraordinário parece banhar os arcos góticos que envolvem as pessoas que ali vão orar. Até os ateus se sentem comovidos por aquela beleza – os vitrais, as tapeçarias, a estatuária.

No final da manhã, o transepto sul começa a encher-se com alguns dos milhares de turistas que visitam Estrasburgo anualmente. É tradicional a visita ao fabuloso relógio astronômico. Esta maravilha de engenhosidade não apenas marca as horas mas também os dias de festa, as fases e os eclipses da Lua e os movimentos dos pla-



*O rio Ill, nas imediações da Casa dos Curtidores*

netas. Precisamente às 12:30, uma réplica do galo bíblico que levou São Pedro a chorar bate as asas e canta três vezes, e uma imponente parada de figuras mecânicas emerge e se perfila diante de Cristo, que as abençoa.

Depois de admirar a parte inferior da catedral, às vezes subo os 330 degraus até a agulha para apreciá-la do alto. Milhões de visitantes têm feito essa escalada e muitos gravaram seu nome no arenito rosado e macio. Se olharmos com atenção para a parede onde começa o último lance de degraus, descobriremos as assinaturas de Goethe e de Voltaire.

Outra recompensa para aqueles que se animam a subir é a vista de toda a cidade. Daquela altura, pode-se apreciar um verdadeiro cadinho de 20 séculos de turbulenta civilização. Com efeito, 12 anos antes de Cristo, uma legião romana montou ali acampamento. O nome galo-romano dado então a esse lugar, Argentoratum («Fortaleza dos rios»), é prova de seu papel estratégico. Mais tarde, passou a ser Strateburg, ou «Fortaleza das estradas» em língua teutônica – nome igualmente adequado, pois, por terra ou por água, as grandes rotas da Europa sempre conduziam a Estrasburgo.

No ano de 842, dois netos de Carlos Magno, Carlos o Calvo e Luís o Alemão, perfilaram seus exércitos junto dos muros de Estrasburgo e selaram uma aliança mútua contra seu irmão, Lotário, cuja herança cobiçavam. Como os soldados de Carlos falavam o dialeto romance e os de Luís a língua teutônica, o «juramento de Estrasburgo» foi pronunciado em ambos os idiomas. Ainda hoje, muitos oradores se referem a ele como o primeiro pacto franco-germânico.

Após a morte de Lotário, os dois irmãos repartiram seu território entre si. Estrasburgo ficou sob o domínio de Luís o Alemão, mas a cidade continuou aberta à influência francesa e foi adquirindo uma personalidade cosmopolita.

Em geral, meu passeio por Estrasburgo me leva da catedral a um encantador bairro próximo, conhecido como «Petite France». Suas casas de madeira se refletem nas águas do rio Ill, o qual se divide ali em quatro braços, cada um cruzado por estreitas pontes de pedra. Tesouros insuspeitados se alinham ao longo das margens — uma torre do século XIV aqui, um antigo moinho mais à frente, tudo reminiscências da Idade Média, a primavera da cidade. Os Amigos da Velha Estrasburgo (associação civil dedicada a preservar a herança da cidade) protegem zelosamente esse bairro.

Depois, normalmente, para um lanche no Kammerzell, um dos restaurantes mais conhecidos de

Estrasburgo. O menu apresenta especialidades locais, como *foie gras* com maçãs rainetas e salada de dentes-de-leão tenros com fatias de bacon, tudo regado com um dos 40 vinhos regionais. Na verdade, os naturais de Estrasburgo são bons «garfos». Nas *brasseries* (cervejarias) podemos vê-los alegremente sentados diante de enormes travessas de chucrute alsaciano guarnecido com suculentas salsichas e presunto. Nos *Wynstub* (tabernas), casas de vinho típicas de Estrasburgo, que estão apinhadas todas as noites, saboreiam pratos locais, como torta de cebola, ou *Knack*, uma salsicha especial.

Estrasburgo, no entanto, sempre se orgulhou de alimentar o espírito tanto como o corpo. A um passo do Kammerzell, fica a praça Johann Gutenberg, o inventor alemão que veio para esta cidade em 1430, após ter sido expulso da Mogúncia por inimigos políticos. Aqui, bem perto da catedral de Estrasburgo, foi que ele concebeu a imprensa. Mais tarde, as perspectivas de civilização atraíram filósofos humanistas como o ilustre Erasmo de Rotterdam e o protestante João Calvino, que considerou Estrasburgo um paraíso de tolerância numa Europa conturbada por conflitos religiosos. No século XVI, a cidade tornou-se uma colmeia de atividade intelectual e comercial.

Então, em 1681, o Rei Luís XIV da França entrou em Estrasburgo com um exército de 30 mil ho-

mens, e a cidade deixou de ser alemã para se tornar francesa e um baluarte da França junto da fronteira. Esta nova fase teve benéficas conseqüências estéticas. A primeira grande criação dos arquitetos franceses foi o magnífico palácio, encomendado pelo Cardeal Rohan-Soubise, defronte da catedral; seus aposentos rivalizam em esplendor com os de Versalhes. No entanto, talvez as mais adoráveis construções francesas do século XVIII em Estrasburgo sejam as que se situam em redor da ampla Praça Broglie, onde se destacam com suave elegância a Prefeitura e o Conselho da Cidade. Foi na Praça Broglie, sob a comoção da Revolução Francesa, que um jovem capitão chamado Rouget de Lisle compôs um hino marcial que foi adotado pelas tropas de Marselha e que hoje é conhecido como A Marselhesa.

Durante a guerra franco-prusiana em 1870, os alemães castigaram Estrasburgo com 20 mil granadas de artilharia numa tentativa de reconquistar a cidade; disso resultaram 600 casas destruídas, vários palácios em ruínas, o teto da catedral e 200 mil livros da biblioteca consumidos pelo fogo. Os alemães venceram, e Estrasburgo foi anexada ao seu império.

O vaivém da cidade, porém, não parou aí. Durante o século passado, a cidade continuou a dançar entre a França e a Alemanha — com a história regendo a orquestra e utilizando os nomes das ruas

como letra de música. Uma bela via pública construída em 1890 foi batizada como Kaiser Wilhelmstrasse (Rua do Imperador Guilherme); em 1919, foi rebatizada como Avenida da Liberdade; em 1938, em homenagem ao signatário francês do Pacto de Munich, recebeu um novo nome, Avenida Daladier; em 1940, com a reocupação alemã, a Avenida Daladier tornou-se a Rudolf Hess Strasse, até que Hess caiu em desgraça; em 1942, os alemães a chamaram de Bismarckstrasse; e finalmente, em 1945, essa mesma rua foi mais uma vez rebatizada como Avenida da Liberdade. Com sorte, talvez mantenha o nome para sempre.

Afinal, por que deveria mudar? A ponte principal, sobre o Reno, que liga Estrasburgo à Alemanha, é chamada simbolicamente de Ponte da Europa. Todos os dias, centenas de estrasburgueses cruzam essa ponte, a caminho (ou regressando) de seus empregos na Alemanha, onde em geral os salários são mais altos. Ao mesmo tempo, muitos alemães cruzam a ponte porque, para eles, Estrasburgo é a grande cidade mais próxima capaz de oferecer ópera, galerias de arte ou simplesmente iluminação feérica. Assim, não sendo mais fortaleza alemã nem francesa, colocada como pesa-papéis sobre uma fronteira móvel, Estrasburgo (no coração de uma Europa em luta por uma nova identidade) é mais uma vez uma encruzilhada de rotas e culturas. ▲